


**COMO PODEMOS DEBATER AS MASCULINIDADES COM OS HOMENS? UMA ANÁLISE DO *PODCAST MEMOH***

**HOW CAN WE DISCUSS MASCULINITIES WITH MEN? AN ANALYSIS OF THE *PODCAST MEMOH***

Recebido em: 03/10/2022

Aceito em: 08/03/2023

Gleissiano Ruan de Freitas<sup>1</sup> 

Eliane Rose Maio<sup>2</sup> 

**Resumo:** O presente manuscrito versa sobre os resultados finais do projeto PIBIC intitulado, *Como podemos debater as masculinidades com os homens? Uma análise do Podcast MEMOH*, que tem parceria com a linha de produtos Cartago, busca um debate sobre as relações de gênero e masculinidade, assim, nosso escopo foi o de sondar, a partir de 15 episódios, publicados no ano de 2019, como os homens vêm debatendo as suas atitudes “como homens” além dos “muros da universidade”, e como esse diálogo ganha potência com o advento e exponencial utilização dos *Podcasts*. A metodologia é baseada na escuta e análise das pautas levantadas pela bibliografia, pois entendemos que há uma carência de um material estabelecido exclusivamente para essa recente mídia social, assim chegamos à conclusão de que tal diálogo entre os homens só foi possível por meio das reivindicações das mulheres por igualdade de gênero e que o advento e expansão da internet são fundamentais para se ter mais alcance nestas temáticas.

**Palavras-chave:** Masculinidades; Mídias Sociais; *Podcast*; Relações de Gênero.

**Abstract:** This manuscript deals with the final results of the PIBIC project entitled, *How can we discuss masculinities with men? An analysis of the Podcast MEMOH*, which has partnered with the product line Cartago, and seeks a debate on gender relations and masculinity, so our scope was to probe, from 15 episodes, published in the year 2019, as men have been debating their attitudes "like men" beyond the "walls of the university", and how this dialogue gains power with the advent and exponential use of *Podcasts*. The methodology is based on listening and analysis of the agendas raised by the bibliography, because we understand that there is a lack of material established exclusively for this recent social media, so we came to the conclusion that such dialogue between men was only possible through the claims of women for gender equality and that the advent and expansion of the Internet are fundamental to have a more scope in this talk.

**Keyword:** Masculinities; Social Media; *Podcast*; Gender Relations.

## INTRODUÇÃO

O atual relato versa sobre as constatações alcançadas a partir da pesquisa denominada *Como podemos debater as masculinidades com os homens? Uma análise do Podcast MEMOH*, tal pesquisa foi realizada durante o período de um ano e buscou destacar quinze episódios do

<sup>1</sup> Aluno do curso de licenciatura em História, vinculado a iniciações científicas da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: [ruangleissiano@gmail.com](mailto:ruangleissiano@gmail.com)

<sup>2</sup> Psicóloga, Pós Doutora e Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: [elianerosemaio@yahoo.com.br](mailto:elianerosemaio@yahoo.com.br)

*Podcast MEMOH*, todos gravados e publicados no ano de 2019, com patrocínio da marca de sandálias masculinas Cartago.

O *Podcast MEMOH* trata-se de uma ação desenvolvida pelo grupo de mesmo nome, e que como a denominação *MEMOH* sugere, seria uma reconstrução do ser homem, haja vista que, a palavra *MEMOH* é a palavra *HOMEM* ao contrário, assim, notamos *a priori* que o *MEMOH* teve sua origem na reflexão de alguns homens sobre os seus comportamentos, e como estas atitudes os impactavam e às pessoas que estavam próximas.

Deste modo, Gabriella Morena (2021) vai de encontro com a nossa hipótese de que o debate entre os homens sobre o machismo a partir do momento em que como os próprios idealistas do *Memoh* enfatizam, pelo “incômodo” e necessidade de refletir sobre os aspectos de suas próprias masculinidades.

Tendo isto em vista, é possível traçarmos um diálogo com Soraya Barreto Januário (2016), que afirma que os homens passaram a questionar os seus papéis sociais, à medida em que os movimentos feministas e de direito das mulheres, passaram a ganhar mais força e a questionar o sistema na qual os homens são as figuras centrais, que oprimem a relevância feminina nos processos históricos e sociais; nos referenciamos aqui ao Patriarcado.

Alguns homens contemporâneos começaram a sondar suas relações com a sociedade e perceberam que a desigualdade de gênero os afetam em menor grau que as mulheres, mas ainda assim lhe traz consequências, com isso, vimos no *MEMOH* a oportunidade de observação de como alguns deles estão, de forma gradual, entrando no debate de gênero para além dos “muros da universidade”, haja vista que, muitas vezes pela falta de didática na escrita, nós pesquisadores/as, acabamos escrevendo e discutindo nossas teses com os nossos pares, sem preocupações de trazer à comunidade, fora do meio acadêmico, para expormos tais resultados.

Em parte isto se dá por uma história que critica, mas segue os moldes positivistas de pesquisa, e se contradiz ao abordar, em sua maioria, a história dos homens e figuras a partir de uma bibliografia exclusivamente clássica e europeia, e do outro lado temos, uma parte da população que busca informações por meios rápidos e didáticos, e acabam em um limbo de “anti-ciência”, assim, não é tão fácil como, por vezes, pode parecer encontrar um/a “culpado/a”, no entanto, podemos nos esforçar para que nossos trabalhos cheguem a mais pessoas. Por isso, não seria eloquência nossa dizer que o *Podcast MEMOH* faz um trabalho no mínimo interessante, ao levar com uma linguagem cotidiana e bem-humorada o debate sobre “o que é ser homem” na sociedade.

Ao iniciarmos à leitura e assistirmos aos episódios do *Podcast*, notamos a inconformidade dos homens que dali participam, com suas falas a outros colegas homens, que se sentiam confiantes para expressar a sua masculinidade de uma forma tóxica, ou seja, tentando se provar viril e superior às mulheres, sendo violentos, não expressando seus sentimentos, e as vendo como um seres sensíveis que “precisam de um homem”, para formarem uma família com valores tradicionalmente héteros, e que isso as levam a serem “boas mães”.

Tal questão expressada ao longo dos *Podcasts*, em um primeiro momento pode parecer absurdo mas se olharmos mais atentamente veremos que desde muito novas, algumas crianças são expostas às ideologias machistas, sejam por palavras e atitudes explícitas ou mesmo por atitudes menos notáveis a um olhar desatento, como por exemplo os populares “chás de revelação”, que em geral atribuem a cor azul aos meninos e rosa às meninas, o que vai de encontro com Maria José Somelarte Barbosa (1998), que propunha que desde o pré-natal os/as pais/mães depositam as suas expectativas em como seus filhos e suas filhas devem agir, sendo assim, é suposto que não é permitido ao homem usar roupas rosas, por serem consideradas “de mulher”, uma vez que, para um homem se sobrepôr perante os outros indivíduos, este deve seguir uma série de ritos para alcançar a masculinidade hegemônica (KIMMEL, 1998).

Assim, o *Podcast* é uma mídia recente, que eclodiu com a expansão da internet, que possibilitou a criação e posterior democratização dos *streamings* focados exclusivamente em material de áudio, o que fez com que ganhasse cada vez mais público. Deste modo, entendemos que por seu fácil acesso<sup>3</sup>o *Podcast MEMOH* “fala” com vários homens, que como os próprios interlocutores expressam, estão incomodados com a forma com a qual se relacionam com a sociedade.

Neste sentido a metodologia para lidarmos com os episódios do *Podcasts* foram nossos principais empecilhos, uma vez que por ser uma mídia que surgiu em 2004, possui uma quantidade escassa de produções científicas, dificultando mais pesquisas sobre a temática e que, delimitasse de forma conclusiva uma metodologia que abranja todos os programas de *Podcast* (NASCIMENTO; ARCANJO, 2021).

---

<sup>3</sup>Essa “facilidade” está ligada, principalmente a dois aspectos, o primeiro está linkado ao fato de que se o sujeito possui um *smartphone* com acesso a internet ele já pode acessar um *Podcast*, e por se tratar de uma mídia de áudio, este pode escutar as pautas enquanto faz trabalhos domésticos, dirige, pega ônibus, entre outras situações que não exigem necessariamente prestar atenção na tela, somente no que se ouve.

Para Gessiela Nascimento e Roseane Arcanjo (2021), é necessário que se faça uma metodologia sólida e que abranja os *Podcasts*, haja vista que, por falta de uma metodologia particular voltada para esses meios, é notável uma falta de padronização e principalmente uma dificuldade das pesquisas em suas análises, no entanto a maior parte das teses que os abordam, no Brasil se utilizam de análises dos elementos técnicos da produção, bem como problematizam as falas dos participantes.

Nesta perspectiva, em nossa observação dos episódios do *Podcast MEMOH*, adotamos uma análise empírica, na qual, a partir da escuta dos relatos, problematizamos os mesmos a partir das referências utilizadas.

E que por uma questão de ética, preservaremos a identidade dos interlocutores de cada episódio do *MEMOH*, e para além, analisamos os episódios de maneira individual sem perder de vista as ligações que um episódio pode ter com outro, pois todos eles foram produzidos pela mesma instituição e o *MEMOH* é focado nas relações de gênero.

De tal modo, a presente pesquisa teve por objetivo norteador realizar a sondagem de como os homens estão debatendo e repensando as atitudes enquanto “homens”, portanto em nosso primeiro semestre assistimos o *Podcast MEMOH*, no período de um ano, de 2019.

Assim, analisamos os episódios intitulados “*Assédios em espaços públicos*”, “*Machismo no trabalho*”, “*Ausência paterna*”, “*Homem de verdade?*”, “*Pedir 9 ajuda*”, “*Medo do feminismo*”, “*Amigo de mulher*”, “*Passar pano*”, “*Machismo no universo LGBTQIA+*”; “*Manifesto*”, “*Grupos reflexivos para homens*”; “*Paternidade no Brasil*”; “*Relacionamentos não-monogâmicos*”; “*Masculinidades negras*”; “*Masculinidades e religião*”, o que nos resultam 15 episódios explicitados no presente relato, todos publicados em 2019, deste modo, tanto o recorte temporal quanto os episódios analisados estão dentro do nosso planejamento para tal pesquisa.

Objetivamos, assim, compreender a partir do *Podcast MEMOH* como os homens falam sobre suas masculinidades com outros homens, até porque ele é idealizado por homens para tratar de assuntos referentes às suas masculinidades, para além, dos “limites” que se colocam entre a academia e a sociedade.

## ANÁLISE DOS EPISÓDIOS DO *MEMOH*

Por uma questão de logística e qualidade da redação, optamos, por realizar a sondagem dos episódios lançados no período que cobriu o ano de 2019, assim a quantidade deles veio a partir do recorte temporal, o que nos permitiu o estudo de 15 deles do *Podcast MEMOH*, ficando fora deste recorte somente o episódio intitulado “*Caso Neymar*”, que por ser específico e focado em uma figura pública não se encaixou na metodologia adotada.

Deste modo, nos convém começarmos pelo episódio piloto, intitulado “*Assédio em espaços públicos*”, no qual, os interlocutores falam do lugar do agressor (assediador), e discutem formas para os homens repensarem toda a construção machista que está em torno desta violência, estes tomam como base o documentário *Chega de fiu fiu*, que aborda o cotidiano de várias mulheres, de diferentes classes sociais, escolaridades e padrões estéticos, e segundo Mariana Lemos de Moraes Bezerra e Kalianny Medeiros (2016), foi realizado pela organização Think Olga, diante dos massivos casos de assédios.

Neste sentido, o episódio piloto do *Podcast MEMOH*, questiona a construção social do masculino, que o faz pensar que exerce poder sobre os corpos femininos e sobre sua sexualidade, a partir do momento que se sentem no direito de objetificá-los nos ambientes públicos diversos, como por exemplo, em metrô, ônibus, ruas, em outras palavras, na maioria dos locais, pois como levado em consideração pelo documentário *Chega de fiu fiu*, o ambiente público, no modelo patriarcal, há muito é destinado exclusivamente aos homens, enquanto o ambiente privado, ou seja, o da casa é ainda associado às mulheres.

Neste ponto, os debatedores deste episódio chegam à conclusão de que o assédio está mais ligado a uma relação de poder e de “se mostrar homem”, perante seus pares, do que propriamente uma questão relacionada ao sexo, ou algum fetiche sexual. Compartilhamos dessa hipótese, a partir do momento em que durante o documentário, homens participantes discutem em uma roda de conversa que o masculino sabe que ao chamar uma mulher de “gostosa”, isso não vai fazer com que a mulher se sinta lisonjeada, muito pelo contrário, gerará constrangimento, no entanto estarão se reafirmando enquanto homens heterossexuais.

Hipótese essa que vai de encontro com o segundo episódio, “*Machismo no trabalho*”, uma vez que, como o nome sugere, é posto em pauta o machismo no ambiente de trabalho, e que o assédio entra nessa questão e pensando na análise de Gleissiano Ruan de Freitas e Eliane Rose Maio (2021a), percebemos que alguns homens sentem a necessidade contínua de se provarem enquanto sujeitos viris.

Expresso isso, segundo o que foi discutido, notamos uma competitividade masculina que, não aceita a suposta “derrota” para uma mulher, como, por exemplo, quando esta conquista uma vaga de liderança, que aos olhos de alguns homens, não possui qualificações e que para justificar o “fracasso enquanto sujeito viril”, a sexualiza ao ponto de proferir frases como “deve ter transado com o chefe”, “só está nesse trabalho, pois é bonita”. Tais homens não levam em consideração as capacidades e conhecimentos que a sua colega de trabalho possui, que fez com que fosse escolhida para determinado cargo e não eles, assim, sintam que a sua masculinidade está em risco ao ter uma mulher, em uma hierarquia superior a deles.

Passemos ao terceiro episódio que tem como discussão a “Ausência Paterna”. Tal episódio toma como base como a falta, tanto emocional quanto física, de uma figura masculina tem influência em como o homem enxerga o mundo e como isso pode moldar as suas relações sociais com outros seres humanos.

Neste sentido, ao decorrer de todo o episódio existe uma ampla discussão entre os debatedores acerca de como se configura, com base em suas experiências pessoais, as relações com seus pais, pois a maioria dos homens na discussão se aproximaram dessa figura paterna, enquanto adultos, e temos o caso de um homem que se autodeclara como negro e gay, que diz que rompeu as ligações com o pai na adolescência e que não enxerga a possibilidade de ter uma relação de pai e filho, pela não aceitação do primeiro.

Igualmente, é inevitável dissertarmos que, como percebemos neste terceiro episódio, mesmo os pais que moravam na casa com os filhos, não tinham proximidade afetiva com esses, o que nos abriu margem de diálogo com Barbosa (1998), que afirma que um dos “atributos” para o sujeito masculino ser considerado como “Homem”, é este suprimir seus sentimentos, uma vez que, reações como choro foram historicamente associadas às mulheres, e masculinidade hegemônica não admite traços considerados da feminilidade.

Ao encontro a isso temos o quarto episódio do *MEMOH* intitulado “Homem de verdade?”, expressão muito utilizada por sujeitos que almejam ou pertencem à masculinidade hegemônica, que segundo Kimmel (1998), seria o ápice da virilidade masculina, em outras palavras, é o momento em que muitos homens ganham respeito enquanto sujeitos masculinos, perante outros homens.

Assim, a discussão de tal episódio, toma como norte as experiências dos participantes para demonstrarem quais atitudes são cobradas para se comprovarem enquanto “machos”, neste sentido, afirmamos que, pegando como exemplo os homens do episódio “Homem de

*verdade?*”, observamos que a quantidade de mulheres que os homens têm relação sexual é diretamente proporcional ao quão eles serão respeitados, o que causa transtornos para ambos os gêneros, pois as mulheres são vistas com um objeto de poder e *status*, e os homens por sua vez, são cada vez mais cobrados para reafirmarem a sua masculinidade e potência sexual.

Nesta direção, como dito por dois participantes, de chegarem a pagar garotas de programa para “perderem” a virgindade, e um deles diz que os amigos estavam assistindo e foi uma péssima experiência, já o outro levou a mulher para o motel, mas não conseguiu ter uma ereção. Com relatos assim percebemos que, o machismo praticado pelos homens também os fere, e que por se beneficiarem do sistema patriarcal, não questionam certas imposições.

Assim, falemos do episódio que realiza um *link* com algumas afirmações acima, estamos nos referindo ao “*Pedir ajuda*”, na qual a discussão dos participantes do *MEMOH* é pautada no homem que resolve os seus problemas sem precisar de ajuda, pois essa situação é vista como uma fraqueza pelos outros homens, sendo considerado como um homem “fraco”, tendo sua masculinidade hegemônica questionada e deslegitimada, haja vista que segundo Kimmel (1998), o homem com a masculinidade hegemônica é aquele que não tem questionada a sua expressão, em outras palavras, é aquele se prova “homem” quase que continuamente para os demais.

Neste sentido, observamos novamente que é perceptível que a masculinidade tóxica praticada por alguns homens, de forma trágica afetam tantos a si mesmos quanto às mulheres, mas que por eles serem os mais “beneficiados” do patriarcado, pouco fazem a respeito para transformar as estruturas sociais, e quando movimentos como o feminismo o tentam, alguns deles o repudiam. Realizando uma ligação entre os temas dos episódios do *MEMOH*, o sexto episódio trabalha a relação dos homens perante os movimentos feministas, e por isso recebe o título de “Medo do feminismo”.

Com isso, é nítida a dualidade, masculino e feminino expressa por Barbosa (1998), haja vista que, como discutido pelos oradores do *MEMOH* existe um temor a ser superado em relação aos Feminismos, partindo do princípio que muitos homens possuem uma visão distorcida do movimento, e que faz com que estes criem “barreiras” que os impedem de se posicionar favoráveis às conquistas femininas, por terem a crença de que os movimentos feministas querem “extingui-los”, em vez de promoverem uma equidade e igualdade de gênero.

E tocante a isso, citamos que em nossa análise é perceptível que, uma das maiores dificuldades dos homens em relação aos Feminismos, é sair da sua “zona de conforto”, que o

sistema patriarcal promove. Tácito a isso, alguns homens pouco se preocupam com as mais diversas formas de violência contra as mulheres, que são praticadas por eles, diga-se de passagem. No entanto, quando as mulheres colocam as suas questões em pauta, é incômodo para os homens que criticam e realizam esforços para deslegitimação da fala delas.

Sendo assim, falemos do “*Amigo de mulher*”, que a nosso ver é um tema potente, pois como os próprios interlocutores do *Podcast* citam, essa relação é vista sobre uma ótica de tabu tanto pelos homens quanto pelas mulheres, o que venha prejudicar a amizade de ambos, pois segundo um dos participantes, ele perdeu amizades com mulheres incríveis pelo simples fato de elas não o atraírem sexualmente, deste modo, entra a questão de que muitas amizades entre homens e mulheres começa por uma erotização realizada desses primeiros para com as segundas, e como notado no episódio, os homens que não sentem atração sexual por essas amigas, têm a sua masculinidade ridicularizada pelos demais.

Desta forma, destacamos a fala de um dos participantes que é um homem gay, que por algum tempo dividiu o apartamento com mulheres, e que no trabalho os demais homens erotizavam isso ao dizer frases do tipo “você é sortudo pois todo dia vê um monte de mulher sem roupas”, algo que vai de encontro com o que Carolina Parreiras (2012), afirma que a pornografia “tradicional” reduz os corpos femininos a objetos que só existem para satisfazer as fantasias e prazeres masculinos.

Assim, realizamos o *link* com o episódio chamado “*Passar Pano*”<sup>4</sup>, no qual os convidados debateram a atitude de muitos homens em acobertar e defender as suas ações machistas, o que na leitura de Barreto (2016) é entendido como masculinidade cúmplice, que são os homens que não estão em uma hegemonia perante aos demais homens, no entanto, admiram tal hegemonia e outros homens, que Kimmel (1998) afirma estar em estado de masculinidade hegemônica e com isso se colocam quase que no topo da pirâmide das relações de gênero, cultivando uma camaradagem com as atitudes misóginas, ou seja, que inferiorizam as mulheres, praticadas por seus pares masculinos.

Os interlocutores discutem os episódios cotidianos em que eles ou pessoas próximas a eles praticaram atitudes machistas, e “passaram pano” para essas atitudes, como por exemplo assédio sexual, críticas às mulheres baseadas no gênero, e como um dos entrevistados revelou, o compartilhamento de fotos íntimas da parceira, sem o saber ou consentimento desta, em redes

---

<sup>4</sup>“Passar Pano” é uma gíria comum na internet, que se refere a atitude de uma ou mais pessoas acobertarem algo que outros ou eles próprios fizeram, que fere de algum modo a sociedade ou parte dela.



sociais, e que tais conteúdos eram recebidos em tons de ironia e com comentários machistas pelos integrantes do grupo e que quando alguém criticava essa atitude, que hoje pelo Código Penal sob a Lei 13.718/2018 (JUSBRASIL, 2018) é crime, esta pessoa era coibida pelos demais membros do grupo, que pregavam uma “normalidade” e “positividade” em tais atitudes. Então é possível dizer que a cumplicidade que um homem nutre por outro vai além de aceitar atitudes tóxicas, e para apoiá-las, o que mostra a naturalidade com que eles objetificam as mulheres e acreditam que estas possuem menos direitos que o ser masculino.

Deste modo, partimos para o nono episódio, “*O machismo no Universo LGBTQIA+*”, que versa sobre as atitudes machistas percebidas pelos participantes fora da heteronormatividade, cujo a maioria destes tinham a sua identidade de gênero localizadas na sigla LGBTQIA+, que representam respectivamente, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e o “+” representa as demais identidades de gênero.

Tem-se então o questionamento por parte dos participantes sobre o porquê de isto estar acontecendo, pois como salientam, era esperado que nos círculos de diversidade sexual se sentiriam em um lugar acolhedor pelos demais homens ao redor, no entanto, o que perceberam foi uma busca de alguns homens LGBTQIA+ em se aproximarem por meio das suas atitudes dos homens heterossexuais, no que diz respeito à sua virilidade e conduta.

Desta forma, segundo um dos participantes, que é gay, foi confrontado por outro gay, por ter tido um relacionamento amoroso e sexual com um homem considerado com “traços femininos”, isto pode ser explicado em certa medida por Raí de Paula e Fátima Rocha (2019), que para um homem ser considerado como tal, este deve se afastar ao máximo das características ditas femininas e trazendo isso para os homossexuais, os participantes ao afirmarem que para alguns de seus pares, estes devem ser “alfas”, ou seja, em seus relacionamentos devem ser uma pessoa que demonstre poder e superioridade, perante os seus parceiros, comprovando seu controle e por consequência, virilidade.

Em paralelo, citamos o caso ocorrido com um amigo de um dos comunicadores, esse amigo é um homem transexual, que depois que fez a cirurgia de mudança de gênero, relatou ao seu amigo, que sentiu uma cobrança em relação à forma que se portava, pois este era considerado “feminino” e era cobrado pelos demais homens, que o viam como um homem que não exercia a sua masculinidade dominadora, o que é marginalizado pelos homens, o que nos atestou que o machismo impera com demasiada potência nos meios LGBTQIA+. E a partir desta reflexão entendemos que os grupos para homens não é necessário somente para homens

cis e héteros, mas sim para os homens em geral, haja vista que, se percebe que o sistema patriarcal cobra uma série de atitude dos homens, independente da sua orientação sexual e/ou identidade de gênero.

O que nos leva para o próximo episódio, que foi feito no intuito de demonstrar as conquistas do *MEMOH* enquanto projeto social que completava dois anos de existência, assim, foi chamado de “*Manifesto*”, e é o décimo episódio, sobre o qual temos a exposição apenas de um dos idealizadores, uma vez que o intuito deste é expor as conquistas, e como o próprio afirma, as lutas que devem ser realizadas. Trata-se de uma passagem curta de apenas 23 minutos, no entanto, com uma discussão teórica sobre o assunto, haja vista que o interlocutor realiza pesquisas na área de relações de gênero.

Sendo assim coloca em questão a ideia do que chama de “movimento dos homens”, e nos fala que é um termo equivocado pois ainda não é nítido a todos os homens uma necessidade de repensar “o que é ser homem de verdade”, assim entramos neste consenso por entendermos que se existisse tal consciência da necessidade das lutas contra o machismo pelos próprios homens, já estaríamos tratando de falar de uma sociedade igualitária e sem violência de gênero, o que dado o contexto do Brasil e do mundo, nos soa como algo utópico de se pensar.

Assim, seguindo a exposição é posto em questão a ideia de uma masculinidade ideal, o que nos soa válido, uma vez que como o discurso do apresentador, criaria um ideal do que são atitudes consideradas masculinas, o que nos faz refletir que a partir do momento em se estabelecer uma masculinidade acima das outras, está repudiará e excluirá as demais, criando uma nova hierarquia, o que facilmente a tornará tóxica pois haverá, como existe hoje, uma pressão para que alguns indivíduos busquem incessantemente um “verdadeiro modo de ser homem”.

O décimo primeiro episódio funciona como uma continuação do “*Manifesto*”, pois trata de apresentar alguns pontos para se criar o que é conhecido como “*grupos reflexivos para homens*”, isto pois, apesar de se basearem em várias metodologias, os integrantes do *Podcast* afirmam que, a forma de organização do *MEMOH* é única, assim estes têm por objetivo discorrer sobre os métodos para que mais grupos de debates das masculinidades surjam.

Neste sentido cabe dissertar sobre cada função e explicá-las, nos baseando nos relatos dos participantes, em primeiro lugar temos a pessoa que se responsabiliza pela criação de um grupo reflexivo na sua cidade ou região, em seguida temos a figura do “caseiro” que muitas vezes é o idealizador do grupo na região e é a pessoa responsável pela logística dos encontros,

ou seja, é ele quem marca as datas, disponibiliza um local e por fim, o mediador, que é aconselhável que seja uma pessoa fixa e é incumbido de realizar a mediação e provocação para que o diálogo flua, e não são cobradas taxas para participar dos grupos.

É aconselhado que tenha um intervalo máximo entre um encontro e outro de 15 dias, e que no máximo participem 20 homens por grupo, pois, isto permite que todos tenham a oportunidade de expor seus pontos de vistas sobre determinado tema, nesse sentido, ocorrem escala entre os participantes para que em cada encontro, eles tragam algum tema que causou desconforto no seu cotidiano.

E por fim, a regra mais importante é que nenhum dos participantes vá sobre o efeito de drogas lícitas ou ilícitas, pois isto atrapalha a autorreflexão dos mesmos sobre as questões postas na roda de diálogo, referimo-nos aqui às “rodas”, pois os debates são organizados no formato de círculo, o que ajuda a todos se sentirem iguais, sabendo que não há um “homem melhor” ou “pior” participando da roda, pois, como é expresso por eles, não existe uma hierarquia nas reuniões.

Seguindo este raciocínio, destacamos a fala dos expositores do *Podcast MEMOH*, ao dizerem que um homem que participa de grupos reflexivos, não é automaticamente um homem que não possui atitudes machistas, haja vista que, a desconstrução dos conceitos machistas é um processo lento, e que temos a hipótese de que esse “repensar a masculinidade” é gradual e constante para o indivíduo, uma vez que, o mesmo cresce em uma sociedade patriarcal e é exposto desde criança a ideias de uma suposta superioridade masculina perante às mulheres.

Adiante falemos da “*Paternidade no Brasil*”, que diz respeito à situação de como os homens estão lidando com a paternidade, problematizando a ausência ou a presença da figura do pai na vida de seus filhos, para isto, os convidados usam como base o Instituto Pró-Mundo, que segundo eles, olham para a paternidade a partir das relações de gênero.

E desta forma, salientamos que tal tema já foi abordado no terceiro episódio do *Podcast MEMOH*, sob a alcunha de *Ausência Paterna*, e que o episódio décimo segundo, *Paternidade no Brasil*, foi pensado no intuito de aprofundar o diálogo sobre a temática.

Assim, dentro do episódio a paternidade é localizada dentro das relações de gênero, e Barbosa (1998), apresenta que os homens são ensinados a não demonstrarem sentimentos em público, e que passam isso para suas futuras gerações, com base nisso podemos afirmar que, um homem que teve uma ausência de diálogos sobre estes temas por parte do seu pai, tende a

fazê-lo quando o for também, pois reproduzirá o que teve e ainda tem como referência de ser pai.

Como também, na maioria das vezes não demonstra os seus sentimentos, e ainda expõe seus filhos a atitudes misóginas e que quando adolescente e adultos, se sua prole praticar características assim, tais serão validadas, no entanto se demonstrarem emoções serão repreendidos com frases do tipo “homem não chora”, entre outras.

Adiante estudamos o episódio “*Relacionamentos não-monogâmicos*”, que tem como escopo introduzir e deixar o público consciente do que se trata a não monogamia, ou seja, os relacionamentos que abrem mão da exclusividade para que cada parceiro possa viver experiências afetivas e/ou sexuais com outros parceiros, com o seu conhecimento prévio por se tratar de uma relação mútua, e em paralelo a isso tem-se também o desejo dos convidados (que são dois homens que aderiram a relacionamentos abertos) para que se desmistifiquem os preconceitos com o “poliamor”, que em suma é uma pessoa ter vários relacionamentos afetivo-sexuais, com a consciência de seus parceiros ou parceiras.

Deste modo, entendemos a partir do *Podcast*, que para que um relacionamento aberto aconteça de forma que não inflija o limite de cada pessoa envolvida é necessário sempre o diálogo e respeito, algo que por sinal também é necessário em um relacionamento monogâmico, ou seja, é necessário que as pessoas não critiquem algo que elas não conhecem, pois isso só gera desinformação.

O décimo quarto episódio analisado é o “*Masculinidades Negras*”, que apresenta sobre como a sociedade instituiu um modo de ser um “homem negro”, em outras palavras quando falamos de masculinidades negras, não comentamos apenas sobre as relações de gênero, mas sim de uma relação que perpassa gênero e raça, haja vista que os requisitos de virilidade cobrados para os homens brancos e para homens negros são diferentes, pois as masculinidades negras, como os próprios participantes entendem, é marginalizada pelo sistema patriarcal. Sistema este que cobra uma agressividade baseada no racismo estrutural, que vem desde o período escravocrata, pois, cobra principalmente que o homem negro tenha uma potência sexual irreal, sexualizando ao máximo o seu corpo, com ideias de que duram mais tempo numa relação sexual, como também apresentam um pênis “avantajado” (FREITAS; MAIO, 2021b).

Caminhando para o fim dos materiais selecionados a partir do nosso recorte temporal de 2019, temos o episódio “*Masculinidade e religião*”, em que foram convidados dois pastores para falarem como a religião influencia no exercício de suas masculinidades. Em primeiro lugar

ambos concordam que há uma má interpretação da Bíblia, sobre a qual, muitos pastores se utilizam para mostrar uma suposta “superioridade masculina”, e que o homem cristão deve ser o “provedor” do lar, pensamento totalmente misógino ao ponto que inferioriza as mulheres aos afazeres domésticos e a uma submissão total.

Adiante no episódio, um dos pastores considera a homossexualidade pecado, mas afirma que não subalterniza ou ofende. Na fala de tal pastor apesar de notarmos um preconceito em relação à população LGBTQIA+, também é perceptível que ele tem consciência disso e está se desfazendo de tal “bagagem” nociva, ou seja busca por mudanças em seu próprio comportamento.

Enquanto o segundo pastor, acredita que amor é amor, independente do gênero dos envolvidos na relação, isto graças a um processo de entender o amor que Jesus pregava, segundo ele. Assim, é notável dizer que, existe um processo gradual sobre o qual as pessoas religiosas estão buscando conhecer o “amor” pregado pelos mártires de suas religiões para amar ao próximo, independente do gênero ou diversidade sexual.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das análises dos episódios do *Podcast* do *MEMOH*, foi possível constatar que as novas mídias sociais e os meios de consumi-las, está se tornando uma ferramenta importante no debate que problematiza as relações de gênero, e dentro dessas discussões é perceptível a formação de grupos de homens que estão reestruturando as suas atitudes, uma vez que, as reivindicações das mulheres por uma igualdade entre os gêneros vêm colocando em xeque as masculinidades tóxicas (JANUÁRIO, 2016).

Assim, temos consciência de que um longo caminho deverá ser traçado para que a maioria dos homens notem a nocividade de atitudes, que lhes foram ensinadas, na maior parte das vezes, desde a infância, o que nos leva à consideração de que a desconstrução de atos machistas se trata de um processo lento sobre o qual o indivíduo revê as atitudes praticadas no seu cotidiano, algo deveras presente no *MEMOH*, em que os homens saem de sua zona de conforto para discutir assuntos que em suas visões não são saudáveis para si e nem para a sociedade.

Nossa pesquisa por um *Podcast* passível de análise e bibliografia pertinentes, percebemos que o *MEMOH*, é mais um programa no meio das mídias digitais a propor uma discussão sobre os papéis de gênero. Tal fato é importante pois vemos que a sociedade está se

movimentando com objetivo de uma equidade entre os gêneros. Deste modo, é urgente a elaboração de uma metodologia própria para os *Podcasts*, uma vez que, essa tecnologia tende a se disseminar cada vez mais.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria José. Chorar, verbo transitivo. **Cadernos Pagu**. Iowa, n.11 p.321-343, 1998. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51279>. Acesso em: 28/11/2019.

BEZERRA, Mariana Lemos de Moraes; MEDEIROS, Kalianny Bezerra de. “**Chega de FiuFiu**”: uma campanha na Internet contra o assédio sexual em espaços públicos. 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1848-1.pdf>. Acesso em: 03/02/2022.

FREITAS, Gleissiano Ruan de; MAIO, Eliane Rose. FIU. Chega de Fiu. As representações das masculinidades na franquia American Pie. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 459-483, 2021a. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12909>. Acesso em: 28/02/2022.

FREITAS, Gleissiano Ruan de; MAIO, Eliane Rose. Padrões de Beleza e de Virilidade Masculina Presentes no Comercial Old Spice BR, Bloqueio!, Maringá. **VII Simpósio Internacional de Educação Sexual**, 2021b. Disponível em: [https://9debdde1-d6b5-40a3-96a5-98c689233f26.filesusr.com/ugd/457817\\_3cdb9c7d8e414540a4622f564157817b.pdf](https://9debdde1-d6b5-40a3-96a5-98c689233f26.filesusr.com/ugd/457817_3cdb9c7d8e414540a4622f564157817b.pdf). Acesso em: 13/01/2022.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Masculinidade: historicidade, pluricidade e construção. In: **Masculinidade em (Re)construção: gênero, corpo e publicidade**. Covilhã: LABCOM.IFP, 2016. P. 79-151. Disponível em: <http://www.labcomifp.ubi.pt/livro/263>. Acesso em: 28/11/2019.

JUSBRAZIL. **Lei 13.718/2018**: Divulgar foto, vídeo de nudez ou cena de sexo passou a ser crime no Código Penal Brasileiro, 2018. Disponível em: <https://perfilremovido1661172374216086986.jusbrasil.com.br/artigos/637227748/lei-13718-2018-divulgar-foto-video-de-nudez-ou-cena-de-sexo-passou-a-ser-crime-no-codigo-penal-brasileiro#:~:text=Lei%2013.718%2F2018%3A%20Divulgar%20foto,crime%20no%20C%3B3digo%20Penal%20Brasileiro>. Acesso em: 03/10/2022.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos – corpo doença e saúde**. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, n. 9, p.103-117, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>. Acesso em: 28/11/2019.

MORENA, Gabriella. Grupos reflexivos de gênero para homens no ambiente virtual: adaptações, desafios metodológicos, potencialidades. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 30, n.

69, p. 113-116, 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nps/v30n69/v30n69a10.pdf>  
Acesso em: 13/03/2023.

NASCIMENTO, Gessiela; ARCANJO, Roseane. Análise audioestrutural do *Podcast*, 2021. **Revista Latino-Americana de Jornalismo – Âncora**. 2021, p. 148-166. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/60148>. Acesso em: 28/02/2022.

PARREIRAS, Carolina. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. **Cadernos Pagu**, n. 38, p. 197-222, 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332012000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt) acesso em: 13/07/2020.

PAULA, Raí Carlos Marques de; ROCHA, Fátima Niemeyer da. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2Sup, p. 82-88, 2019. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1835/1336>. Acesso em: 03/02/202.